

Perspectivas de jovens estudantes sobre suas futuras trajetórias profissionais

Perspectives of young students about their future professional trajectories

Laiane Moraes Damasceno, Universidade de Brasília (UnB)

Isabella Cristine Figueiredo Vieira, Universidade de Brasília (UnB)

RESUMO A juventude é um período importante na vida de qualquer indivíduo, pois é neste momento da vida que se começa a traçar planos para o futuro. Este artigo busca identificar “*se o gênero de estudantes do terceiro ano do ensino médio influencia na escolha do curso superior que almejam fazer*”, como também, se conversar com pessoas próximas pode ou não influenciar esta escolha; e se são as moças ou os rapazes que procuram mais alternativas para ingresso no nível superior. Esta investigação se deu a partir da atividade “Novos Olhares” do Observatório da Juventude da Universidade de Brasília. Concluiu-se que as moças conversam mais sobre seus planos profissionais e também buscam mais alternativas para ingresso em um curso superior em relação aos rapazes e quando se investiga os interesses, as moças estão mais interessadas em cursos da área de saúde e os rapazes nas áreas de Ciências Sociais Aplicadas.

PALAVRA-CHAVES: juventude; trajetórias; profissões; ensino médio; curso superior

ABSTRACT The youth is an important period in life of anybody, because is at this moment of life that you begin to map plans to future. This article sought to identify “*if the gender of students on third year of high school influences the choice of the undergraduate course they want to study*”, in addition if talking with near people can or can't influence the choice as well as whether it is girls or boys who are looking for more alternatives to enter in undergraduate education. This research was based on the activity “New perspectives” carried out by the Youth Observatory of University of Brasília. It was concluded that the girls talk more about their professional plans as well as seek more alternatives to enter in an undergraduate course in relation to boys. When investigating the interests, girls are more interested in health courses and boys in areas of applied social sciences.

KEYWORDS: young; trajectories; profession; high school; college education

Introdução

Por volta dos dezessete anos, os jovens estudantes do ensino médio deparam-se com uma difícil decisão em suas vidas, um processo que envolve vários questionamentos que vão definir “qual será seu futuro”. Este processo se perpassa de uma forma constante durante todo o ensino médio, mas principalmente no terceiro ano desta etapa. É nesta fase que os jovens estudantes começam a fazer provas de seleção para ingresso no nível superior e também começam a sentir certa pressão do seu grupo de convivência (família, amigos e professores) sobre nível superior e mercado de trabalho. Alguns autores já mencionaram em seus textos sobre essas decisões que os jovens têm de tomar nesta fase de suas vidas.

Antes de adentrarmos a fundo neste assunto, vamos definir “adolescência” e “juventude”, termos que estarão presentes neste artigo, mas que possuem diferenças em seus significados. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei nº8.069 de 13 de Julho de 1990) define “adolescência” em seu segundo artigo: *Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade*. (ECA, Lei n 8.069/90: artigo 2). Desta forma, a adolescência compreende todos os indivíduos que se encontram na faixa etária de 12 a 18 anos de idade.

Alguns psicólogos afirmam, também, que a fase da adolescência se trata de uma fase da vida como o estágio de desenvolvimento e puberdade do indivíduo e como uma passagem à juventude. E é nesta fase que acontecem diversas mudanças físicas, psicológicas e comportamentais. (AMARAL, V.L. 2007, p.3)

Já o termo “Juventude” é descrito como o período da vida do ser humano compreendido entre a infância e o desenvolvimento pleno de seu organismo. Segundo, o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852 de 05 de agosto de 2013), em seu artigo primeiro, parágrafo primeiro, afirma-se que *“são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”*. Abramo (2005) descreve quatro formas de definir juventude baseado em um estudo de Dina Krauskonf (2003). Um desses pontos afirma que:

A juventude cidadã como sujeito de direitos: A juventude é compreendida como etapa singular do desenvolvimento pessoal e social, por onde os jovens passam a ser considerados de direitos e deixam de ser definidos por suas incompletudes ou desvios (ABRAMO, H.W. 2005, p.22).

Desta forma, podem ser considerados jovens os adolescentes-jovens (entre 15 e 17 anos), os jovens-jovens (com idade entre os 18 e 24 anos) e os jovens adultos (faixa-etária dos 25 aos 29 anos) (Andi: Comunicação e direitos. 2016).

Assim, esclarecidos os conceitos de adolescência e juventude e considerando o público alvo deste estudo, jovens de 15 a 24 anos, entende-se que alguns destes indivíduos estão no limiar da definição de adolescência e desta forma, chama-se atenção, ao lon-

go do artigo, para que quando for citado “adolescência” e/ou “adolescente” refere-se às idades mais baixas da definição de juventude, dessa forma o público alvo do estudo é contemplado pelas definições apresentadas.

Além dos termos “Adolescência” e “Juventudes”, outro aspecto importante a ser destacado é a escola, mais profundamente o “Ensino Médio”. Wivian Weller (2014) escreve um pouco sobre a importância do Ensino Médio para os jovens estudantes, dado que é neste momento que o indivíduo começa a planejar seus projetos de vida. Ela afirma que:

O Ensino Médio é uma etapa de formação não apenas intelectual-cognitiva, mas também um momento de construção de identidades e de pertencimentos a grupos distintos, de elaboração de projetos de vida, ainda que as condições e os percursos dos jovens sejam bastante distintos. É uma fase de ruptura e de reconstrução. Os jovens não estão apenas aprendendo Matemática, Geografia, Física, entre outras disciplinas. Não é apenas um saber externo, objetivo, sistemático, que importa nesse momento. É também um período de múltiplos questionamentos, de constituição de um saber sobre si, de busca de sentidos, de construção da identidade geracional, sexual, de gênero, étnico-racial, dentre outras (Wivian Weller, 2014).

Oliveira, Silva & Silva Neto (2009), apontam que ao se pensar em juventude e suas peculiaridades é possível identificar muitas situações e escolhas que permeiam este processo e apontam para o futuro do indivíduo (p. 9299). Uma dessas escolhas que o jovem tem de tomar é a escolha de uma profissão que lhe garanta uma inserção no mundo adulto e na sociedade, uma sustentabilidade financeira e também a felicidade. Eles ainda afirmam que a juventude pode ser entendida como uma construção histórica, especificamente como construção de uma fase do desenvolvimento humano e que está intimamente ligada ao processo de escolha profissional (p. 9302). Almeida e Pinho (apud Santos 2008), afirmam que a juventude é um estágio do ciclo de vida no qual o indivíduo passa por transições que acarretam grandes mudanças em sua vida.

Levantando estas questões, entende-se que os jovens que estão concluindo o ensino médio e estão interessados em continuar seus estudos já se deparam com uma dessas escolhas difíceis que possivelmente irão marcar a transição para a vida adulta: “*O que cursar?*”. A partir disso, Almeida & Pinho (2008) (apud Filomeno, 1997), afirmam que ao se tratar da escolha profissional, o adolescente opta não só por um curso ou por uma atividade de trabalho, mas também por um estilo de vida, uma rotina, o ambiente do qual fará parte (p. 177). Ou seja, não só o que vai fazer, mas também o que ele quer ser no futuro. Complementando essa ideia, Primi *et al.*, (2000), afirmam que o processo de escolha profissional é um momento que possui um significado muito importante para o jovem, e por isso, este momento de escolha, é repleto de dificuldades e conflitos, pois a escolha profissional é um processo complexo de decisão (p.451).

Há também de se destacar que as escolhas dos jovens estudantes podem ser influenciadas por uma diversidade de fatores, como por exemplo, a classe social a qual

pertencem. Nogueira, (2004: p.2 e 3) percebeu isso na obra de Pierre Bourdieu (1964). Bourdieu notou que existia uma forte correlação entre a origem social dos estudantes e o tipo de curso superior frequentado, ele também mostrou que essa correlação era influenciada pelas variáveis: sexo, idade e, secundariamente, pela origem geográfica (rural ou urbana) dos estudantes. Nogueira (*apud* Gouveia, 1970), apontou em seus primeiros trabalhos na década de sessenta, a existência de “uma estreita correlação entre a origem social dos estudantes e o ramo do ensino superior no qual estavam matriculados” (Nogueira, 2004: p.2).

A escolha do curso superior também pode se dar a partir do sexo ao qual o indivíduo pertence, ou seja, moças projetando seu futuro com maior frequência para áreas de humanas e saúde, e os rapazes para as áreas de exatas e engenharias. Com isso, Pinto (2014), afirma que as escolhas de cursos superiores dos jovens do ensino médio se dão pelas desigualdades entre homens e mulheres geradas pelas relações sociais. Isso acontece por meio do processo de socialização pelo qual, os adolescentes passam ao decorrer de suas vidas; e que há uma naturalização dessas diferenças (PINTO, 2014, p.37).

Este artigo foi pensando a partir do Programa de extensão “Observatório da Juventude (OJ)” da Universidade de Brasília (UnB) através da atividade Novos Olhares. O OJ é um espaço de integração entre professores, pesquisadores e estudantes que trabalham com o tema juventude no ensino, na extensão e na pesquisa. Dentre os seus principais projetos, o “Novos Olhares” tem por finalidade promover uma reflexão sobre o futuro profissional junto aos jovens do ensino médio de escolas públicas do Distrito Federal e Entorno. No ano de 2016, um dos trabalhos realizados pelo OJ foi com os estudantes do 3º ano do ensino médio do Centro de Ensino Médio 01 (CEM 01) do Gama/DF. A escolha desta escola deve-se ao fato de extensionistas terem concluído o ensino médio nesta escola e relataram a necessidade que a escola possui de atividades que incentivem os jovens estudantes a participarem das seleções para ingresso na Universidade de Brasília, como também, responder dúvidas acerca de todos os outros processos seletivos de outros programas educacionais para ingresso na Educação Superior.

Há de se destacar a grande influência que esta escola tem na região administrativa do Gama, pois foi a primeira escola pública da cidade e também uma das mais antigas do Distrito Federal. O Centro de Ensino Médio 01 do Gama, também conhecido como CG, é uma escola de ensino médio que fica localizada no Setor Leste do Gama – DF. Conta com uma ampla estrutura de ensino com todos os meios básicos que uma escola pode oferecer. A escola conta em suas dependências com laboratório de informática, física e química, além de um auditório que é usado para múltiplas funções. A escola foi construída para abranger toda a demanda de pessoas que estavam se estabelecendo na região. Com base nestas descrições e dado o contexto em que os jovens do 3º ano do CEM 01 do Gama estão inseridos, o objetivo deste artigo é analisar as relações entre a escolha de um curso superior a partir do gênero destes jovens estudantes. E decorrente disto, serão analisados também três objetivos específicos: (1) verificar se são as moças ou os rapazes que conversam mais com seus pais, professores e amigos sobre a escolha profissional; (2) averiguar se as moças têm tendência a escolher cursos na área de hu-

manas e sociais e os rapazes têm tendência a escolher cursos na área de exatas; e por fim (3), identificar se há diferenças, a partir do sexo, na busca de alternativas para o ingresso no nível superior.

Metodologia

Os resultados alcançados no estudo baseiam-se em informações obtidas através da pesquisa de perfil realizada com todos os estudantes do 3º ano (14 turmas) do Centro de Ensino Médio 01 do Gama no ano de 2016. Utilizando ferramentas de estatística descritiva, foram analisadas as respostas aos questionários de 375 estudantes, sendo 183 rapazes, 190 moças e 2 pessoas que não responderam à questão de sexo, todos com média de idade de 17 anos. O questionário (Perfil do Estudante) consiste em 21 perguntas acerca de questões socioeconômicas e sobre anseios pessoais e profissionais para o futuro. As variáveis utilizadas neste estudo são: (1) Sexo; (2) Com quem o aluno ou aluna conversa sobre seus planos profissionais (Família, amigos, professores, outros ou ninguém); (3) Pretensão de fazer um curso superior e qual curso; (4) Pretensão de fazer vestibular; (5) Participação do Programa de Avaliação Seriada (PAS); (6) Pretensão em fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); (7) Pretensão de participar do Sistema de Seleção Unificada (SISU); e (8) Pretensão de participar do Programa Universidade para Todos (ProUni).

Resultados e Discussão

1. As moças conversam mais com seu grupo social (família, amigos e professores) sobre sua escolha profissional do que os rapazes?

Quando se está exposto a situações de indecisão, é natural a busca por auxílio e aconselhamento de outras pessoas. Isso é muito comum na vida dos jovens estudantes, principalmente nesse período de transição para a vida adulta que exige muitas escolhas. Assim, existem alguns indivíduos que são de extrema importância em suas vidas: a família, os amigos e a escola (professores). Almeida e Pinho (2008) afirmam isso:

Quando um adolescente se depara com a escolha de uma profissão, não estão apenas em jogo seus interesses e aptidões, mas também a maneira como ele vê o mundo, como ele próprio se vê, as informações que possui acerca das profissões, as influências externas advindas do meio social, dos pares e, principalmente, da família (ALMEIDA & PINHO, 2008, p. 174).

Dessa forma, foi questionado aos rapazes e as moças sobre quem são as pessoas que eles mais conversam sobre o futuro.

Tabela 1: Conversa com familiares sobre os planos profissionais por sexo

| Já conversou com os familiares sobre os planos profissionais | Total | Sexo | |
|--|--------|-----------|----------|
| | | Masculino | Feminino |
| Sim | 81,5% | 78,1% | 84,7% |
| Não | 18,5% | 21,9% | 15,3% |
| Total | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| Quantidade de alunos | 372 | 183 | 189 |

Com base na tabela 1, pode-se perceber que a família é a principal fonte de conversa das moças (84,7%) e dos rapazes (78,1%). Oliveira, Silva & Silva-Neto (2009), fazem um apanhado teórico sobre a importância da família neste momento. Eles afirmam que:

[...] estudos como o Almeida e Pinho (2008) revelam que a família é apontada como fonte de apoio no momento da decisão e, muitas vezes, como elemento que deposita sonhos, perspectivas e objetivos que não foram ou já são tradicionais no grupo familiar. Destaca-se ainda que, estes estudos apontam a atuação da família na escolha profissional de adolescentes é notória tanto no discurso dos pais quanto dos filhos e que a maneira de influenciar é múltipla, pois pode acontecer de forma aberta ou velada, sutil ou manipuladora. Sobre o lugar ocupado pela família na escolha profissional, Andriani (2003) assevera que ela ocupa espaço de destaque seja por significar o lugar afetivo ou o de aceitação de uma condição social ou racial. Para Bock, Furtado e Teixeira (2002), a família também representa as expectativas de superação ou perpetuação de uma condição social e, muitas depositam no mundo do trabalho perspectivas de melhores condições de vida ou ressignificação da própria condição de grupo familiar (OLIVEIRA, SILVA, & SILVA-NETO, 2009, p.9307).

Isso também foi percebido no estudo Bright, Pryor, Wilkenfeld et al (2005), citados por Pereira & Garcia (2007, p.74) - eles perceberam que o contexto social imediato (especialmente os pais) é o principal fator influenciando a escolha profissional.

Tabela 2: Conversa com amigos sobre os planos profissionais por sexo

| Já conversou com amigos sobre os planos profissionais | Total | Sexo | |
|---|--------|-----------|----------|
| | | Masculino | Feminino |
| Sim | 75,3% | 69,9% | 80,4% |
| Não | 24,7% | 30,1% | 19,6% |
| Total | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| Quantidade de alunos | 372 | 183 | 189 |

O segundo grupo que os jovens estudantes mais conversam sobre o futuro são seus amigos. Pereira & Garcia (2007), citam Lópes & Salas (2006) que afirmam:

[...] os adolescentes procuram seus pares para compartilhar experiências novas, ao passo que sua família continua a ser um porto seguro para o apoio estrutural que precisam para explorar o mundo novo que se apresenta a eles. Durante esse estágio de desenvolvimento, procuram apoio imediato fora da esfera familiar e os amigos tornam-se essenciais nessa função (PEREIRA & GARCIA, 2007, *apud* LÓPES & SALAS, 2006).

Os autores afirmam ainda que a “maioria dos estudantes consideram importante conversar com os amigos sobre o tema, por razões como: trocar informações sobre profissões, cursos e universidades, e auxiliar a pensar sobre a própria escolha profissional” (PEREIRA & GARCIA, 2007, p.78)

O terceiro grupo que os jovens estudantes mais conversam são os professores. Contudo, temos de destacar que ao se comparar a porcentagem deste grupo com os dois anteriores, percebe-se que os jovens estudantes pouco conversam com seus professores.

Tabela 3: Conversa com professores sobre os planos profissionais por sexo

| Já conversou com professores sobre os planos profissionais | Total | Sexo | |
|--|--------|-----------|----------|
| | | Masculino | Feminino |
| Sim | 22,9% | 20,9% | 24,9% |
| Não | 77,1% | 79,1% | 75,1% |
| Total | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| Quantidade de alunos | 372 | 183 | 189 |

Por fim, para o grupo “outros” o percentual para as moças foi de 13,2% e para os rapazes 11,5%. Já no grupo “ninguém” apenas 2,1% das moças afirmaram que conversam com ninguém enquanto este percentual para os rapazes foi de 6%.

Sendo assim, percebemos que os jovens estudantes compartilham mais sobre o futuro com seus familiares, seguidos de amigos e professores. E o mais importante neste ponto, é que, embora ambos conversem mais com esses grupos, há uma grande diferença no percentual de um para com outro – moças *versus* rapazes. As moças compartilham perspectivas acerca do futuro com mais frequência do que os rapazes. Observe que para os grupos o percentual das moças foi maior do que para os rapazes, exceto para o grupo “ninguém”, em que os rapazes apresentaram um percentual maior.

2. As moças têm tendência a escolher cursos na área de humanas e sociais, e os rapazes na área de exatas e engenharias?

Antes de falar sobre a opção de curso pelos rapazes e pelas moças, devemos levar em conta quem destes jovens pretendem fazer curso superior. De acordo com a Tabela 4 (abaixo), percebemos que mais de 90% dos jovens estudantes do CEM 01 do Gama pretendem fazer curso superior, enquanto que 7,5% ainda não sabem e menos de 1% não pretendem.

Tabela 4: Pretensão de fazer curso superior por sexo

| Pretende fazer curso superior | Total | Sexo | |
|-------------------------------|--------|-----------|----------|
| | | Masculino | Feminino |
| Sim | 92,2% | 91,6% | 92,9% |
| Não | 0,3% | 0,6% | 0,0% |
| Não sabe | 7,5% | 7,8% | 7,1% |
| Total | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| Quantidade de alunos | 361 | 179 | 182 |

A partir disso, procuramos averiguar quais cursos os jovens estudantes pretendem cursar tendo em vista, que

[...] as motivações no processo de escolha profissional estão, em geral, vinculadas às experiências e vivências que o sujeito realiza dentro do próprio processo de desenvolvimento. É dentro da perspectiva do desenvolvimento que se pode compreender que a pessoa vai construindo uma definição de ser e do que fazer na vida em termos profissionais. Logo, a síntese destas experiências, atreladas às características sociais e culturais do desenvolvimento, bem como aquelas características pertencentes ao mundo do trabalho, favorecem o conjunto de motivações que precedem o momento da escolha profissional” (PRIMI et al., 2000) (OLIVEIRA, SILVA & SILVA NETO, 2009: p.9298).

Também é preciso destacar que a investigação se baseia no âmbito do gênero (sexo) dos estudantes, ou seja, vamos averiguar quais são os cursos mais desejados a partir do sexo do respondente.

Há diversos estudos que mostram que moças e rapazes seguem caminhos diferentes quando escolhem um curso superior. Isso pode ser explicado pelo modo como o indivíduo foi socializado, pelas aptidões do indivíduo e por influências internas (ex: sexo, raça/etnia) e ou externas (ex: família, escola, local de moradia, etc). Então, “há diferenças entre a escolha das moças e dos rapazes?”, “*As moças escolhem mais os cursos das áreas de humanas e sociais e os rapazes os cursos da área de exatas e engenharias*”?

Antes de responder a essas questões, vamos analisar o que alguns estudos dizem sobre isso. Oliveira, Silva & Silva-Neto (2009) citam Bock, Furtado e Teixeira (2002) que afirmam que:

[...] no que se refere à escolha profissional, principalmente quando associada à escolha de um curso superior, pode-se perceber que na sociedade atual ela é concebida como imposição da idade e, mesmo, do desenvolvimento humano, variando entre as classes sociais e acenando para a atividade que o indivíduo, potencialmente, assumirá pelo resto da vida. Assim, para o adolescente/jovem esta escolha é importante e, principalmente, na sociedade capitalista que responsabiliza estes sujeitos pelo sucesso ou não de suas escolhas, revestindo o momento de conflitos já que se fala de uma opção que se realizará por longo tempo no existir de quem escolhe (OLIVEIRA, W.A.; SILVA, J.L. & SILVA NETO, W.M.F. 2009: p. 9299).

Ou seja, o momento de escolha para os jovens já é um período complicado e dependendo do que ele escolher trará consequências (positivas ou negativas) para sua vida. Ao se pensar no âmbito do gênero isso se dá de forma muito mais complexa, pois moças e rapazes são socializados de forma diferentes; com isso as escolhas que eles farão sobre o futuro também se darão de formas diferentes. E essa situação gera muitas desigualdades dentro da sociedade, como afirma Pinto (2014):

Refletir sobre a segmentação por sexo e desigualdades de gênero no processo de escolha de curso superior pressupõe compreender o contexto sociocultural em que estamos inseridos/as, as influências da socialização na construção de projetos profissionais e a maneira como as pessoas naturalizam as diferenças sociais, já que mulheres e homens são tratados de forma diferente desde nascimento em função do sexo biológico, sendo geradas expectativas específicas para cada sexo, favorecendo a dicotomia, a hierarquização e discriminação. [...] Se aprendermos por meio da educação/socialização, através das relações estabelecidas, discursos e aparatos que nos envolvem socialmente, a diferenciar as atitudes femininas das masculinas, os padrões de desigualdade de gênero tenderão a se reproduzir [...] e acabarão influenciando as escolhas de cada um/a. Compreende-se que a “divisão de gênero do conhecimento e do trabalho” é ensinada e aprendida através de várias práticas culturais em vários espaços sociais, sendo que a escola é a instituição que prepara o/a estudante para o trabalho e, desta forma, as escolhas ocupacionais se delineiam durante toda a trajetória escolar [...] (PINTO, E.T.S. 2014: p.20).

Contudo, podemos perceber que nos últimos anos, as moças e os rapazes têm procurando fugir dessa “regra”: há muitas moças escolhendo áreas que são consideradas masculinas – como engenharias e exatas – e os rapazes escolhendo cursos que são considerados femininos – como cursos na área de educação e humanidades. Mas quando isso acontece, os indivíduos ainda têm de lidar com o “preconceito”. Pois como afirma Pinto (2014):

[...] as relações de gênero impõem não somente às mulheres, mas também aos homens, valores, características, comportamentos e espaços como mais próprios para cada sexo. A virilidade e a sexualidade masculina são postas em questão à medida que as escolhas de carreira não seguem o padrão imaginado como próprio para os homens. Para além da naturalização das relações sociais, surge o preconceito de gênero [...] (PINTO, 2014: p.99).

Por isso, ainda percebemos que grande parte das escolhas profissionais dos jovens recaem sobre “a regra”: moças escolhendo formação em cursos das Ciências Humanas e Sociais, Ciências da Educação e Ciências da Saúde, enquanto os rapazes buscam os cursos das Ciências Exatas e Tecnológicas (PINTO, 2014: p. 42 apud INEP, 2013).

Com base nesses pressupostos, buscou-se averiguar quais são os cursos de nível superior que os jovens estudantes do CEM 01 do Gama desejam fazer no futuro. Fez-se uma separação por sexo, com base na divisão de áreas de conhecimentos do nível superior fornecida pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que agrupa todas os cursos específicos de acordo com a grande área a que pertence. A tabela de áreas de conhecimento está disponível no site da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – CAPES (2017).

Tabela 5: Área do conhecimento que os estudantes pretendem cursar por sexo

| Área de conhecimento | Total | Sexo | |
|-----------------------------|--------|-----------|----------|
| | | Masculino | Feminino |
| Ciências exatas e da terra | 5,9% | 9,2% | 2,6% |
| Ciências Biológicas | 1,3% | 1,3% | 1,3% |
| Engenharias | 15,1% | 25,5% | 4,6% |
| Ciências da saúde | 31,1% | 15,0% | 47,4% |
| Ciências agrárias | 3,3% | 2,6% | 3,9% |
| Ciências Sociais Aplicadas | 29,2% | 30,7% | 27,6% |
| Ciências humanas | 9,2% | 9,2% | 9,2% |
| Linguística, Letras e Artes | 4,9% | 6,5% | 3,3% |
| Total | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| Quantidade de alunos | 305 | 153 | 152 |

Como se pode observar (tabela 5), um percentual maior de rapazes do CEM 01 do Gama têm maior interesse em cursos das áreas de ciências sociais aplicadas (30,7%), diferentemente dos estudos brasileiros, como por exemplo, a **IV Pesquisa do perfil socioeconômico e cultura dos estudantes de graduação**, lançada recentemente (2016). Essa pesquisa, através das matrículas e perfis dos estudantes das universidades federais do Brasil constatou que a preferência masculina se dá, por ordem de importância, pelos cursos nas seguintes áreas: engenharias (21,5%); ciências sociais aplicadas (20,5%); ciências exatas e da terra (19%); ciências humanas (13%); ciências da saúde (10%); ciências agrárias (7%); linguística, letras e artes (6%) e ciências biológicas (3%). (IV PESQUISA DO PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO, 2016: p.17).

Por outro lado, um percentual maior de moças do CEM 01 do Gama demonstram interesse nos cursos da área de ciências da saúde (47,4%), seguido pela área de Ciências Sociais Aplicadas (27,6%). A IV Pesquisa do perfil socioeconômico e cultura dos estudantes de graduação constatou que há uma “preferência” do sexo feminino por cursos na área de Ciências sociais aplicadas (24%), seguida por cursos na área de Ciências humanas (17,8%); ciências da saúde (17,7%); Engenharias (10,4%); linguística, letras e artes (9,42%); ciências exatas e da terra (9,1%); ciências agrárias (7%) e ciências biológicas (5%). (IV PESQUISA DO PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO, 2016: p.17).

Um resultado contrastante é verificado entre os jovens estudantes do Cem 01 do Gama quando se observa a classe das engenharias, a qual, 25,5% dos rapazes têm interesse nessa área e este percentual para as moças é de apenas 4,6%. Ciências da saúde também apresentam um contraste muito grande quando comparado entre os dois sexos - 47,4% das moças têm interesse nessa área e para os rapazes este mesmo percentual é de 15%. Essas grandes diferenças também foram constatadas na IV Pesquisa do perfil socioeconômico e cultura dos estudantes de graduação (2016), a participação feminina supera mais fortemente a participação masculina nos cursos pertencentes às áreas de Ciências da Saúde (67% versus 33%, respectivamente); e nas Ciências Humanas (61% versus 39%). Por outro lado, há uma frequência maior do sexo masculino nos cursos de ciências exatas e da terra (66% versus 34%, respectivamente) e Engenharias (65% versus 35%, respectivamente) (IV PESQUISA DO PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO, 2016: p.17).

Olinto (2011) constata o mesmo em seus estudos e afirma que essa não é uma característica apenas do Brasil.

O vigor acadêmico das meninas contrasta com outros tipos de expectativas por elas exteriorizadas. Quando se trata das escolhas de carreiras, fica evidenciado que as meninas consideradas no estudo tendem a mencionar, em proporções altas e muito maiores do que os meninos, áreas já previamente consideradas femininas, como serviços de saúde. O Brasil na verdade é o país, entre aqueles incluídos no estudo, que mais recebe menções à área de saúde como carreira planejada por parte das meninas: quase 30%, em comparação com menos de 15% dos meninos. Fazer carreira nas áreas de engenharia ou computação, em contrapartida, é escolha marcante entre os meninos. Essas diferenças de gênero nas escolhas de carreiras, observadas no Brasil, seguem de perto a média dos países da OCDE (OLINTO, 2011: p. 70).

Contudo, temos que demarcar algo importante a partir dos resultados que obtivemos dos jovens estudantes do CEM 01 do Gama. Verificou-se que a área de engenharias foi escolhida por apenas 15,1% dos jovens estudantes sem distinção de sexo. Chamamos atenção para esse dado porque na cidade do Gama/DF existe um campus da Universidade de Brasília (UnB) que oferece cursos apenas na área de engenharias – como: aeroespacial, automotiva, eletrônica, energia e software. É importante destacar

que para cursar algum destes cursos no Gama, a nota de corte no Vestibular/SiSu/PAS aumentam para aqueles que cursaram o ensino médio em escolas públicas no Gama e entorno. Mesmo com essas “vantagens” poucos estudantes demonstraram interesse em cursar a área de Engenharias.

3. São as moças ou os rapazes quem mais procuram alternativas para ingresso no nível superior?

De forma geral, é possível afirmar que a juventude representa um grupo geracional e que o Ensino Médio constitui uma etapa da escolarização que coincide com um período da vida dos jovens, geralmente entre 14 e 18 anos. [...] Por coincidir com um período durante o qual se espera que o jovem desenvolva projetos de futuro e, de certa forma, faça a transição necessária para viabilizar esses projetos, a escola de Ensino Médio, juntamente com outras instituições, deve oferecer os instrumentos necessários para que os estudantes possam desenvolver seus projetos de vida, não só no plano individual, mas também no plano coletivo (Wivian Weller. 2014, p.136).

Quando o jovem está matriculado no ensino médio, ele começa a lidar não só com as escolhas, mas também com as provas de seleção para ingresso no nível superior. Deste modo, foi verificado se há interesse dos jovens estudantes do CEM 01 do Gama pelas provas do Vestibular da UnB, do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Programa de Avaliação Seriada (PAS), bem como o interesse em participar do Sistema de Seleção Unificado (SiSU) e do Programa Universidade para Todos (ProUni). Assim como nos outros tópicos, foi feita uma abordagem a partir do sexo.

Vestibular – UnB

O vestibular tradicional da Universidade de Brasília (UnB) é o sistema de seleção tradicional da UnB, aplicado desde a fundação da instituição, em 1962. A prova é elaborada pela própria Universidade de Brasília e aplicada apenas para ingresso de estudantes no segundo semestre letivo. Para participar o candidato ou a candidata deve comprovar a conclusão do ensino médio (ou curso equivalente) [*Informações retiradas do site da Universidade de Brasília (UnB) sobre as formas de ingresso na universidade: o que é e como funciona o Vestibular Tradicional (2016)*].

Tabela 6: Pretensão de fazer vestibular por sexo

| Pretende fazer vestibular | Total | Sexo | |
|---------------------------|--------|-----------|----------|
| | | Masculino | Feminino |
| Sim | 78,5% | 75,4% | 81,4% |
| Não | 2,5% | 4,6% | ,5% |
| Não sabe | 19,0% | 20,0% | 18,0% |
| Total | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| Quantidade de alunos | 358 | 175 | 183 |

Foi perguntado aos jovens estudantes do CEM 01 do Gama se estes pretendiam fazer o vestibular. Com base na tabela 6, percebe-se que mais de 3/4 deles afirmaram que ‘sim’. Destacamos, ainda, que as moças (81,4%) estão mais decididas a utilizar este recurso de seleção do que os rapazes (75,4%). Contudo, percebemos que ainda há um nível de indecisão entre 19% dos jovens estudantes.

Programa de Avaliação Seriada - PAS

O Programa de Avaliação Seriada (PAS) é o processo seletivo criado pela UnB em 1995 como alternativa ao Vestibular para ingresso na Universidade de Brasília. O PAS objetiva integrar a educação básica à superior para promover melhorias na qualidade do ensino. Este programa acontece em três etapas: ao final de cada série do ensino médio aplica-se a prova relativa aos conhecimentos adquiridos naquele ano de estudo. A classificação dos candidatos é feita após a prova da terceira etapa, com base na média ponderada (pesos 1, 2 e 3) obtida nos resultados das provas realizadas. **Pode participar do PAS** o estudante, devidamente matriculado no ensino médio de escola pública ou particular, na modalidade regular de ensino, com duração de três anos ou com estrutura curricular de quatro anos completos [Informações retiradas do site da Universidade de Brasília (UnB) sobre as formas de ingresso na universidade: o que é e como funciona o Programa de Avaliação Seriada (PAS), 2016].

Cabe destacar que o estudante que não faz a primeira etapa pode fazer a segunda sem perder a chance de participar do processo seletivo. Contudo, o estudante que deixa de fazer a segunda etapa não pode fazer a terceira etapa.

Para este tópico, a investigação foi baseada em duas perguntas: “Você participou das etapas anteriores do PAS?” e “Pretende fazer a terceira etapa do PAS?”

Tabela 7: Participação nas etapas anteriores do PAS por sexo

| Participou nas etapas anteriores do PAS | Total | Sexo | |
|---|--------|-----------|----------|
| | | Masculino | Feminino |
| Somente PAS1 | 17,2% | 19,1% | 15,3% |
| Somente PAS2 | 9,4% | 9,8% | 9,0% |
| PAS1 e PAS2 | 42,5% | 36,1% | 48,7% |
| Não participou | 30,9% | 35,0% | 27,0% |
| Total | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| Quantidade de alunos | 372 | 183 | 189 |

Ao perguntar aos jovens estudantes do CEM 01 do Gama se eles participaram do PAS foi constatado uma diversidade de respostas. Com relação àqueles que fizeram apenas o PAS 1, registrou-se um percentual de 17,2% e por isso não poderão fazer a terceira etapa. Por outro lado, 9,4% deles fizeram apenas o PAS 2 e poderão fazer o PAS 3; assim como os 42,5% dos que participaram do PAS 1 e PAS 2, que conseqüentemente poderão participar do PAS 3. Contudo, quase 1/3 dos jovens estudantes informaram que não participam do PAS, um percentual muito grande visto que este é um dos métodos mais fáceis para ingresso na Universidade de Brasília. Fazendo o comparativo entre os sexos, nota-se também que são os rapazes os que menos possuem interesse de participar do PAS.

A segunda questão acerca do PAS era se eles iriam participar da terceira etapa do PAS (PAS 3). Notou-se inconsistências nas respostas. Pois, de acordo com a tabela 7 (acima), apenas 51,9% dos jovens estudantes estão aptos a participar do PAS 3, e, no entanto 54% deles afirmaram que participarão do PAS 3. Outra situação que vale destacar é que há 9,6% deles que ainda “não sabem” se participarão do PAS 3.

Tabela 8: Participação na terceira etapa do PAS por sexo

| Participará da terceira etapa do PAS | Total | Sexo | |
|--------------------------------------|--------|-----------|----------|
| | | Masculino | Feminino |
| Sim | 54,0% | 46,4% | 61,3% |
| Não | 36,4% | 42,5% | 30,6% |
| Não sabe | 9,6% | 11,2% | 8,1% |
| Total | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| Quantidade de alunos | 365 | 179 | 186 |

Tabela 9: Participação na terceira etapa do PAS por participação nas etapas anteriores

| Participará da terceira etapa | Participação nas etapas anteriores | | | |
|-------------------------------|------------------------------------|--------|-------------|---------------|
| | PAS1 | PAS2 | PAS1 e PAS2 | Não participa |
| Sim | 19,4% | 85,7% | 93,1% | 6,4% |
| Não | 67,7% | 2,9% | ,6% | 81,7% |
| Não sabe | 12,9% | 11,4% | 6,3% | 11,9% |
| Total | 100,0% | 100,0% | 100,0% | 100% |

Investigando melhor quem poderia participar do PAS 3 com base na participação do PAS até a segunda etapa, verifica-se a falta de conhecimento acerca das condições para participar da terceira etapa do PAS. Depreende-se da tabela 9 que muitos jovens não sabem que se deixarem de fazer o PAS 2 não podem participar do PAS 3. Portanto, das pessoas que só participaram do PAS 1 (19,4%) afirmaram que participariam do PAS 3 e 12,9% disseram que não sabiam. E daqueles que disseram que não participaram de nenhuma etapa anterior do PAS, 6,4% disseram que participariam do PAS 3 e 11,9% disse que não sabiam. Estes jovens deveriam saber que uma vez que não participaram da etapa 2 do PAS, com certeza não poderão participar do PAS 3. Percebermos então uma falta de conhecimento, dentre os jovens estudantes do CEM 01 do Gama, acerca das condições para participarem deste processo seletivo.

Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) foi criado em 1998 com o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da educação básica, buscando contribuir para a melhoria da qualidade desse nível de escolaridade. A partir de 2009 passou a ser utilizado também como mecanismo de seleção para o ingresso no ensino superior. Foram implementadas mudanças no exame que contribuem para a democratização das oportunidades de acesso às vagas oferecidas por Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), para a mobilidade acadêmica e para induzir a reestruturação dos currículos do ensino médio. *[Informações retiradas do portal do Ministério da Educação sobre o que é o Exame Nacional do Ensino Médio (2016)].*

Foi perguntando aos jovens estudantes do Cem 01 do Gama se eles farão o ENEM 2016.

Tabela 10: Participação no ENEM por sexo

| Está participando do ENEM | Total | Sexo | |
|---------------------------|--------|-----------|----------|
| | | Masculino | Feminino |
| Sim | 98,4% | 98,4% | 98,4% |
| Não | 1,1% | 1,1% | 1,1% |
| Não sabe | ,5% | ,5% | ,5% |
| Total | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| Quantidade de alunos | 373 | 183 | 190 |

Com base na tabela 10, quase todos eles disseram que iriam fazer o ENEM (98,4%). Esse resultado é muito bom, tendo em vista que com a nota do Enem eles podem participar do Sistema de Seleção Unificado (SiSU) e do Programa Universidade para Todos (ProUni).

Sistema de Seleção Unificado - SiSU

O Sistema de Seleção Unificado (SiSU) é o sistema informatizado gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC) no qual *instituições públicas de ensino superior oferecem vagas* para candidatos participantes do ENEM de acordo com a nota alcançada. *[Informações retiradas do site do Ministério da Educação sobre o que é o Sistema de Seleção Unificado – SiSU, 2017].*

Ao perguntar para os jovens estudantes do CEM 01 do Gama se eles pretendem participar do SiSU, apenas 71,8% demonstraram interesse, sendo que os percentuais para as moças e rapazes foram de 77,9% e 65,4% respectivamente.

Tabela 11: Pretensão de participar do SiSU por sexo

| Pretende participar do SiSU | Total | Sexo | |
|-----------------------------|--------|-----------|----------|
| | | Masculino | Feminino |
| Sim | 71,8% | 65,4% | 77,9% |
| Não | 4,8% | 4,9% | 4,7% |
| Não sabe | 23,4% | 29,7% | 17,4% |
| Total | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| Quantidade de alunos | 372 | 182 | 190 |

Também podemos destacar o grande número de “indecisos” (23,4%). Quando se observa o contraste entre os sexos verifica-se que os rapazes (29,7%) são mais indecisos que as moças (17,4%).

Programa Universidade para Todos - Prouni

O Programa Universidade para Todos (ProUni) é o programa do Ministério da Educação que concede bolsas de estudo integrais (100%) e parciais de 50% à estudantes brasileiros sem diploma de nível superior, em instituições privadas de educação superior, em cursos de graduação [Informações retiradas do portal do Ministério da Educação sobre o que é o Programa Universidade para todos – Prouni, 2017].

Ao perguntar para os jovens estudantes do Cem 01 do Gama se eles pretendiam participar do ProUni, (tabela 12) 69,3% responderam que sim, sendo que 23,6% deles se mostraram indecisos. Destacamos ainda que os rapazes (29,4%) estão mais indecisos do que as moças (17,8%).

Tabela 12: Pretensão de participar do ProUni por sexo

| Pretende participar do ProUni | Total | Sexo | |
|-------------------------------|--------|-----------|----------|
| | | Masculino | Feminino |
| Sim | 69,3% | 63,3% | 75,1% |
| Não | 7,1% | 7,2% | 7,0% |
| Não sabe | 23,6% | 29,4% | 17,8% |
| Total | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| Quantidade de alunos | 365 | 180 | 185 |

Os dados sobre o SiSU e ProUni chamam atenção pelo fato de que cerca de 98% dos jovens estudantes do CEM 01 do Gama afirmarem que farão o ENEM e podem usar suas notas para participarem do SiSU (conseguir uma vaga em qualquer federal do país) e o ProUni (uma bolsa em universidades/faculdades privadas). Contudo, nem todos que farão o Enem estão interessados em ingressar no nível superior por estes métodos citados anteriormente (4,8% e 7,1% afirmaram que não pretendem participar do SiSU e ProUni, respectivamente).

Os dados são mais reveladores quando separamos por sexo. O nível de indecisão entre os rapazes é superior ao das moças. Por um lado, temos 17,4% das moças indecisas com relação a participar ou não do SiSU; por outro lado, os rapazes são quase 1/3 do

total (29,7%). Com relação ao ProUni a situação é parecida, as moças somam 17,8% de indecisão, enquanto os rapazes somam 29,4%.

Com base nesses dados, podemos perceber que as moças estão mais decididas, do que os rapazes, em buscar alternativas para ingressarem no nível superior, enquanto os rapazes demonstram mais indecisões se comparamos com as moças do Cem 01 do Gama.

Considerações Finais

Neste estudo, buscou-se entender como se dá o processo de escolha de um curso superior durante a juventude – 3º ano do ensino médio. Para isso, foi feito um recorte de gênero entre os jovens estudantes do Centro de Ensino Médio 01 do Gama/DF, a fim de saber se o sexo influenciaria nessas escolhas. Três questões foram a base para o estudo, buscou-se: (1) verificar se são as moças ou os rapazes que conversam mais com seu grupo social (pais, professores e amigos) sobre a escolha profissional; (2) averiguar se as moças têm tendência a escolher cursos na área de humanas/sociais e os rapazes têm tendência a escolher cursos na área de exatas; e por fim (3), identificar se há diferenças, a partir do sexo do jovem estudante, ao buscar alternativas para o ingresso ao nível superior.

Com relação à questão 1, constatou-se que os jovens conversam mais com os familiares e com os amigos sobre o futuro. Os jovens estudantes conversam pouco com os professores e com outras pessoas. Esse resultado demonstra que os familiares são a principal fonte de influências para os jovens estudantes neste período, dado que conversam mais com eles. Outro ponto a se destacar neste tópico é que a frequência de moças que conversam sobre o futuro é maior que a frequência de meninos, e que o percentual de meninos que conversam com ninguém é maior que o percentual das moças para esta mesma questão.

Com relação ao tópico 2, houve uma surpresa com relação aos rapazes. Diferente dos estudos que são feitos pelo Brasil afora, os rapazes do Centro de Ensino Médio 01 do Gama, em maior percentual escolheram a área de Ciências Sociais Aplicadas (30,7%) em detrimento das Engenharias (25,5%). Já as moças, assim como em outros estudos, em maior percentual escolheram cursos voltados para a área de Saúde (47,4%) seguida pela área de Ciências Sociais Aplicadas (27,6%). Um fato que chamou atenção foi que a área de Engenharias foi a terceira mais escolhida (15,1%), sem fazer distinção de sexo, sendo que na cidade do Gama há um campus da Universidade de Brasília que oferece apenas cursos na área de engenharias.

Por fim, o tópico 3, o qual procurou-se identificar se há diferenças ao se buscar alternativas para ingresso ao nível superior. Observou-se que 92,2% dos jovens estudantes pretendem fazer curso superior. Contudo, esses dados vão diminuindo quando questionados se participam e se pretendem participar de provas de seleção (PAS, Vestibular, Enem) e sistemas de seleção (Prouni e SISU). Há duas informações interessantes deste tópico: (1) percebeu-se que os jovens estão desinformados sobre as condições para

participar das provas e sistemas de seleção, como por exemplo o Programa de Avaliação Seriada, PAS; e (2) notou-se que os rapazes demonstram um nível de indecisão maior que as moças quando perguntados se pretendem participar ou não das provas e sistemas de seleção para ingresso no nível superior.

Para estudos futuros é importante levantar o questionamento sobre o porquê de os jovens conversarem mais com um grupo do que com outro, acima disto, o porquê de conversarem com pouca frequência com professores dado que estes são capacitados a orientá-los nesta fase. Também recomenda-se investigar o porquê da indecisão dos rapazes ser maior do que para as moças.

Este estudo objetivou contribuir para os estudos sobre juventude e esse período de transição para a vida adulta, quando os jovens estudantes começam a fazer escolhas que acarretarão consequências (positivas ou negativas) durante toda sua trajetória de vida. O recorte de gênero também foi importante, para mostrar as diferenças e desigualdades que ainda existem dentro da sociedade em que estes jovens estão inseridos.

A fim de solucionar e melhorar esse problema de “desigualdade” a partir do sexo dos jovens, destaca-se não apenas a família como papel essencial na formação deles, mas também a escola. A escola pode criar mecanismos no projeto político pedagógico da escola (PPP) para uma pluralidade maior de incentivo para que as moças tenham mais contato com área de exatas, bem como os rapazes nas áreas de humanidades e sociais.

Atualmente, já há algumas iniciativas no sentido de mudar a “regra” das moças nas áreas de saúde e humanas. Como por exemplo o projeto do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): “Meninas e Jovens Fazendo Ciências Exatas, Engenharias e Computação.”. O projeto funciona em parceria com escolas de ensino médio públicas do Distrito Federal e tem como objetivo motivar as moças (estudantes do ensino médio) a ingressarem nas áreas das exatas. Esperamos que no futuro bem próximo, projetos como estes abarquem um número maior de jovens estudantes, a fim de quebrar essa desigualdade existente dentro dos cursos superiores, como também dentro da sociedade como um todo.

Referencias Bibliográficas

ABRAMO, H.W. (2005). O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. Org. Freitas, M.V. São Paulo. p.20-39. Recuperado em outubro, 2016, de <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>

ALMEIDA, M.E.G.G. & PINHO, L.V. (2008). Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psi.Clin.*, Rio de Janeiro, vol 20, n2, p. 173-184.

AMARAL, V.L. (2007). Psicologia da educação: A psicologia da adolescência. Natal, RN: EDUFERN, 16 p. Recuperado em Outubro, 2016, de <http://www.ead.uepb.edu.br/ar->

quivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Psicologia_Educacao/
Psi_Ed_A05_J_GR_20112007.pdf

BRASIL. Qual a diferença entre adolescente e jovem? *ANDI: comunicação e direitos*. Recuperado em novembro, 2016, em <http://www.andi.org.br/help-desk/qual-diferenca-entre-adolescente-e-jovem>

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Recuperado em novembro, 2016, em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm

BRASIL. Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. *Estatuto da Juventude*. Recuperado em novembro, 2016, em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Inep). *Exame Nacional do Ensino Médio: Sobre o Enem*. Recuperado em dezembro, 2016, em <http://portal.inep.gov.br/web/enem/sobre-o-enem>

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Formas de Ingresso na UnB: Vestibular*. Recuperado em dezembro, 2016, em <http://www.unb.br/graduacao2/formas-de-ingresso/590-formas-de-ingresso?menu=434>

_____ *Formas de Ingresso na UnB: PAS*. Recuperado em dezembro, 2016, em <http://www.unb.br/graduacao2/formas-de-ingresso/593-formas-de-ingresso?menu=434>

Iv Pesquisa do perfil sócioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior brasileiras (2016). 191 páginas.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Programa Universidade para Todos (Prouni): O que é o Prouni?* Recuperado em janeiro, 2017, em <http://siteprouni.mec.gov.br/>

_____ *Sistema de Seleção Unificada (SISU): O que é o SisU?* Recuperado em janeiro, 2017, em <http://sisu.mec.gov.br/>

_____ *CAPES – Tabela de Áreas de Conhecimento do Ensino Superior*. Recuperado em janeiro, 2017, em http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/TabelaAreasConhecimento_042009.pdf

NOGUEIRA, C.M.M. (2004). O processo de escolha do curso superior: análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares. *Universidade Federal de Minas Gerais*, 18 páginas.

OLINTO, G. (2011). *A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil*. Inc. Soc., Brasília, DF, v.5 n.1, p. 68-77.

OLIVEIRA, W.A. et al. (2009). A escolha profissional na adolescência: motivações e apontamento para a atuação em psicopedagogia. In: *IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*, p.9297-9311

PEREIRA, F.N. & GARCIA, A. (2007). Amizade e Escolha profissional: Influência ou cooperação? *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8 (1), p. 71-86.

PINTO, E.J.S. (2014) Gênero e escolha de cursos superiores: perspectivas de estudantes de ensino médio do Liceu Paraibano. *Universidade Federal da Paraíba*, 133 páginas.

PRIMI, R. et al. (2000). Desenvolvimento de um Inventário de Levantamento das Dificuldades da Decisão Profissional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (3), p.451-463.

WELLER, W. (2014). Jovens no Ensino Médio: Projetos de vida e perspectivas de futuro. In: *Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia (orgs)*. - Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 135-154.

Sobre os autores

Laiane Moraes Damasceno é graduada e graduação em Ciências Sociais (Licenciatura) e Sociologia (Bacharel) pela Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Juventude e Educação. Participou dos projetos de extensão “Observatório da Juventude” e “Veredicto”, como também do Programa de Iniciação à Docência - PIBID.

Isabella Cristine Figueiredo Vieira é graduada em Estatística pela Universidade de Brasília. Na temática de juventude, participou do projeto de extensão “Observatório da Juventude” e também do projeto de iniciação científica voltado à inserção e permanência de meninas e jovens nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação intitulado “Aprendendo a retratar a sua realidade”.